

OS CHAMADOS «BÁCULOS» — PARA UMA INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICO-FUNCIONAL

por

Dirk Brandherm*

Resumo: Defende-se a interpretação dos chamados «báculos» ao nível funcional como imagem simbólica dum determinado tipo de maças, a partir duma proposta de O. da Veiga Ferreira e M. Leitão como também de paralelos centro-europeus. Tenta-se a reconstrução dos protótipos de matéria-prima orgânica com carácter funcional a partir dos materiais arqueológicos disponíveis e analogias etnográficas, assim como uma caracterização do primitivo valor simbólico destes artefactos.

Palavras-chave: Báculo. Calcolítico. Simbolismo.

Entre os vários tipos de ídolos do Calcolítico português, os chamados «báculos» sempre têm contado com o interesse especial dos investigadores. Como consequência, as interpretações “simbolistas” têm sido bastante numerosas, sem que a maioria delas tivesse sido capaz de explicar a peculiar forma deste artefacto. Em geral predominam alusões muito vagas a um símbolo de poder sem tratar da iconografia do mesmo símbolo. Um artigo recente de Serge Cassen e Jean L’Helgouach oferece-nos uma análise profunda de todos os tipos de representações de «báculos» e do seu valor simbólico, mas também só toca no significado básico deste símbolo dum forma muito sumária¹.

Uma das poucas tentativas de explicar a sua forma dum maneira funcional foi quando Octávio da Veiga Ferreira e Manuel Leitão propunham uma interpretação dos «báculos» como imitações em xisto dum espécie de machetes originalmente de madeira, citando como paralelos artefactos de sílex de forma algo similar do Alto Egipto². Estes por sua vez também já não conservam o seu

* Institut für Ur- und Frühgeschichte, Albert-Ludwigs-Universität, Belfortstr. 22, 79098 Freiburg i. Br.

¹S. Cassen - J. L’Helgouach, “Du symbole de la crosse: chronologie, répartition et interprétation,” *Actes du 17ème Colloque interrégional sur le Néolithique, Vannes, 28-31 octobre 1990. Revue Archéologique de l’Ouest, supplément n° 5* (1992), pp. 223-235.

²O. da Veiga Ferreira - M. Leitão, *Portugal Pré-histórico* (Mem Martins: Publicações Europa-América, ca. 1983), pp. 179-181.

carácter funcional primitivo, mas levaram os dois autores a opinar que talvez o borde serrilhado de alguns «báculos» representasse enxertos de sílex³. Aquela via de explicação lamentavelmente não teve continuidade. Não obstante, a identificação do modelo primitivo que está por detrás de qualquer símbolo deve ser da maior importância para a sua compreensão. Por isso no presente artigo se examina a possibilidade duma interpretação dos «báculos» como representação duma arma ofensiva que pela sua forma curva não só podia servir para a luta corpo a corpo mas também como projectil a curta e meia distância.

Assim, a particular forma curva dos «báculos» desloca o ponto de equilíbrio para um extremo da arma e fora do seu eixo longitudinal. Estes aspectos levam a um característico voo rotativo do objecto, que dificulta muito à vítima uma defesa eficaz contra este. Além disso, obviamente existe também a possibilidade de utilizá-los como maça no combate corpo a corpo. A mecânica de tal tipo de arma foi empregada em vários sítios e vários momentos da (Pré-) história, não só em forma de maças de madeira, das quais a mais famosa seria a sua variante autoretornável australiana, mas também por ferros de arremesso africanos, usualmente lançados duma maneira horizontal, e as «franciscas» da Baixa Idade Média, machados com cabo ligeiramente curvo, arremetido girando verticalmente sobre o seu eixo.

A interpretação funcional desenvolvida acima, tem claramente carácter hipotético. Embora existam de facto várias indicações que maças similares existiram no Neolítico e Calcolítico não só de Portugal mas também em outras partes da Europa. Peças originais de madeira têm-se conservado em solos húmidos na Suíça, Alemanha, na Holanda e na Inglaterra, entre elas algumas de forma curva e obviamente concebidas para serem lançadas contra a vítima. De interesse particular neste contexto é uma maça de Egolzwil (Suíça)⁴, que com a sua forma angular chama à memória o «báculo» da Lapa de Galinha (Carrascos)⁵. Outra peça similar mas lamentavelmente achada em estado fragmentado no povoado de Burgäschisee-Süd (Suíça), está reforçada no ponto exterior do seu ângulo por uma ponta de osso, para lhe dar uma maior eficácia⁶.

Isso faz-nos volver à outra hipótese que M. Leitão e O. da Veiga Ferreira enunciaram na sua obra. Mesmo que os bordos serrilhados de alguns «báculos» representassem enxertos de um material diferente, os dois autores aqui concretamente pensaram em sílex⁷. Efectivamente existe um fragmento duma arma de tais

³ Ibid.

⁴ H. Müller-Beck, *Seeberg Burgäschisee-Süd, Teil 5. Holzgeräte und Holzbearbeitung*, Acta Bemensia, 2 (Bern: Stämpfli & Cie, 1965), pp. 55-58, fig. 106.

⁵ M.^ª C. Moreira de Sá, "A Lapa da Galinha," *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, 1 (1959), pp. 117-128, fig. 11.

⁶ Loc. cit. Müller-Beck, lám. 10.2.

⁷ Loc. cit. Ferreira - Leitão, p. 179.

características de Vinelz (Suíça)⁸, e outra semelhante foi encontrada no século passado no Vallenmoor (Alemanha do norte). Desta última peça, que se encontrou em estado completo, infelizmente só se conserva um desenho, o original perdeu-se⁹. Não pode escapar-nos a grande semelhança com as maçãs aztecas, as chamadas “macquautil”, as quais, como única diferença notável, estão reforçadas por lâminas de obsidiana em vez de sílex¹⁰.

Neste contexto, também se têm de mencionar as muitíssimas lâminas de sílex encontradas no castro do Zambujal, que na sua forma não se distinguem das peças utilizadas em foices, mas sem que possuíssem os vestígios de utilização característicos daquela classe de instrumentos¹¹. Se neste caso realmente se tratasse de reforços de sílex de maçãs tipo «báculo», isso explicaria o elevado número em que lá se encontraram, como também a falta de qualquer traço de utilização nelas. Assim demonstrariam claramente, como já indicam as pontas de seta da mesma jazida, que as muralhas além do seu indubitável valor psicológico de limite, também tiveram um importante papel prático na defesa do povoado.

Como hipótese alternativa, fica a possibilidade que os bordos serrilhados de alguns «báculos» representassem dentes cortados da mesma madeira, que daria como resultado uma arma pouco menos eficaz que uma com gume de sílex. Seja como for, não há dúvida que ambas as reconstruções resultam numa arma perigosíssima, não só no combate corpo a corpo, mas também a distâncias demasiado curtas para que o arco seja utilizado eficientemente (fig. 1).

Representações de armas semelhantes têm uma distribuição ainda mais vasta em várias partes da Europa como também no Próximo Oriente. Destacam-se em primeiro lugar, os «báculos» representados nos monumentos megalíticos da Bretanha francesa, onde às vezes aparecem mais que uma dúzia num mesmo monumento¹². Também figuram, embora menos numerosos, em estátuas-menhires do Sul de França¹³. Na Europa oriental o objecto curvo representado num «ídolo» de Szegvár-Tüzköves (Hungria)¹⁴, como também umas peças de ouro da necrópole de Varna (Bulgária) provavelmente mostram armas dum tipo parecido¹⁵.

À primeira vista, aquela visão da distribuição vasta de «báculos» numa grande parte da antiga Europa tem um aspecto algo incoerente ou pelo menos

⁸ Loc. cit. Müller-Beck, p.97, fig. 224.

⁹ A. Diek, “Die vorbronzezeitlichen Holzschwerter vom Vallenmoor bei Bramsche, Kr. Osnabrück, und ihre mitteleuropäischen und völkerkundlichen Parallelen,” *Nachrichten aus Niedersachsens Urgeschichte*, 46 (1977), pp. 165-173, fig. 1.

¹⁰ *Ibid.*, p. 166.

¹¹ H.-P. Uerpmann, comunicação apresentada nas *1. Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras*.

¹² Loc. cit. Cassen - L’Helgouach, pp. 227-228.

¹³ *Ibid.*, p.232.

¹⁴ N. Kalicz, *Clay Gods: the Neolithic Period and the Copper Age in Hungary* (Budapest: Corvina Kiadó, 1980), p. 44, fig. 32, 33.

¹⁵ Loc. cit. Cassen - L’Helgouach, p. 227.

bastante difusionista, mas tem que se chamar à memória o carácter fragmentário do mapa de distribuição apresentado. Tem que se considerar que só podemos conhecer artefactos destas características ou em sítios onde existam condições bastante húmidas (ou ao contrário extremamente secas) para as peças originais se conservarem, ou onde pelo valor simbólico da arma a sua imagem foi conservada em materiais mais duráveis, como se passou por exemplo em Portugal.

Assim, não resta dúvida que além deste registo arqueológico incompleto, maças curvas tiveram uma amplíssima distribuição e formaram junto com outras maças de tipologia distinta o grupo de armas de combate pessoal mais comum antes do desenvolvimento das armas metálicas. Puderam servir igualmente como instrumentos de caça e como armas de guerra. O seu emprego na caça está demonstrado numa cena representada numa placa do Egipto pré-dinástico¹⁶, mas como instrumento exclusivamente de caça seria difícil tornar-se num símbolo de «status» elevado nas sociedades da antiga Europa do quarto e terceiro milénio, sociedades nas quais a caça muito provavelmente ainda não se tinha transformado num passatempo desportivo de algumas pessoas privilegiadas.

Também a grande concentração de “enxertos” de sílex no castro do Zambujal, dado o caso que aqueles realmente representassem elementos de tais armas, seria difícil de explicar por motivos não bélicos. Obviamente isso não exclui a possibilidade do uso de um mesmo instrumento na caça como na guerra.

Por fim, é a representação destes objectos sobretudo em contextos ou funerários ou de outra maneira «públicos» (e. g. os menhires), que parece demonstrar que não se pode tratar só dum mero instrumento de caça, nem mesmo duma arma bélica qualquer, mas da arma de guerra por excelência durante a sua época.

De qualquer forma todas essas representações não se referem simplesmente à arma mortífera que seguramente foi este instrumento, mas ao seu valor simbólico na dimensão social. Quase se poderia dizer que não se trata de um símbolo mas do símbolo de autoridade social, equivalente aos machados de combate no Calcolítico da Europa oriental, somente que têm uma distribuição mais vasta, paneuropeia. A maior escassez de «báculos» na parte oriental da Europa assim poder-se-ia explicar pela presença lá dos machados de combate naquele período, os quais exerceram um papel semelhante.

Isso parece ser válido independentemente da questão de se os «báculos» representavam uma autoridade pessoal, individualizada, ou se foram expressão do poder dum grupo. Enquanto que as peças de xisto portuguesas, embora encontradas em contextos funerários colectivos, poderiam servir como indicação também para a primeira hipótese, as dúzias de «báculos» representados juntos em alguns

¹⁶ H. Müller-Karpe, *Handbuch der Vorgeschichte: Jungsteinzeit* (Munique: H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1968), II, lám. 25.1.

monumentos megalíticos dificilmente parecem explicáveis em categorias estritamente individuais. Isso indica que não é preciso postular uma forma de organização social uniforme em toda a área em que se encontram imagens de «báculos» para explicar o fenómeno da sua simbolização. Um mesmo símbolo bem pode ser utilizado para comunicar conteúdos concretos bastante divergentes enquanto a ideia básica expressa permanece a mesma.

O aspecto mais básico — talvez tanto que corre o risco de ser esquecido — é que neste caso o objecto por detrás da simbolização era uma arma, e que independentemente do carácter ou tipo de autoridade, ou seja do prestígio ou seja do “status” e independentemente das legitimações secundárias que tal posição pôde ter reclamado para si, na sua origem esteve uma questão eminentemente de poder físico.

Isso não quer dizer que a função do objecto por detrás dum símbolo determinado seja forçosamente idêntica à do mesmo símbolo, como conteúdos e funções de tais imagens são bastante variáveis na dimensão do espaço-tempo. A aparente associação da imagem do «báculo» com representações bucraniformes no registo ornamental da cerâmica neolítica francesa¹⁷ constitui um exemplo nítido do alheamento dum representação esquematizada do seu significado primitivo. Não obstante é sempre indispensável descobrir primeiro o objecto que está por detrás dum imagem simbólica e identificar a sua função, para depois se ser capaz de analisar a partir daí a função do símbolo no seu contexto social. Sem análise prévia do fundo factual dum imagem, a discussão do seu valor simbólico e da sua transcendência social é epistemologicamente vã.

¹⁷ Loc. cit. Cassen - L'Helgouach, fig. 7.

Est. I

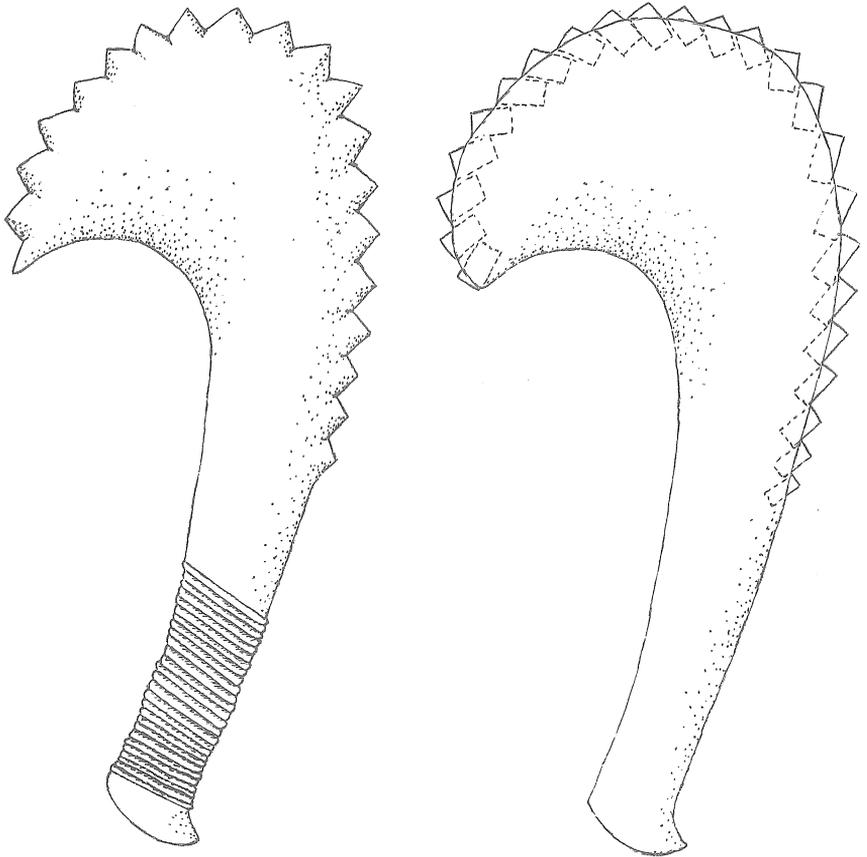


Fig. 1 — Duas reconstruções hipotéticas de possíveis protótipos de «báculos» apenas em madeira e de madeira e “enxertos” (lâminas encabadas) de sílex respectivamente.